

# INVICTA • CINE

semanario ILUSTRADO  
DE

cinematografia



nº  
143

preço

50

centavo

LOSTA



# Nós temos a vossa amizade

m a s

## precisamos também do vosso auxílio

*Há um ano, no desejo de conquistar cada vez mais o vosso agrado, fizemos-vos uma valiosa concessão: reduzimos cinquenta por cento ao preço da nossa revista. Hoje, se Vocês gostam sinceramente de Invicta-Cine e se desejam que a melhoramos continuamente, precisamos contar com o vosso apoio.*

**Não vos pedimos muito. Que cada leitor**

**nos arranje um novo assinante e isso**

**... .. nos bastará! ... ..**

*Para recompensar o vosso trabalho, resolvemos oferecer-vos lindas fotografias de artistas, em formato grande e distribuí-las em numero proporcional ao numero de novos assinantes que cada um de vós conseguir.*

*Lembraí aos vossos amigos que comprando «Invicta-Cine» obterão a redução de 50 o/o nas matinées de quintas-feiras e sabados, em todos os lugares, no elegante salão Olympia desta cidade.*

*Auxiliando «Invicta-Cine», trabalhais para vós mesmos porque os melhoramentos que a nossa revista possa sofrer só reverterão em vosso proveito.*

---

**Assinatura: Série de 25 numeros**

**Esc. 12\$50 (Pagamento adiantado)**





SINGRANDO CONTRA  
TODAS AS PROCELAS.

# O Avião e o Cine

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:

N.º 143

REDACTOR PRINCIPAL

ROBERTO LINO

FORTO

ALVES COSTA

E

7 DE NOVEMBRO  
1931

Comp. e Imp. - DIÁRIO DO PORTO

SOUTINHO D'OLIVEIRA

ANO 9

R. S. Bento da Vitória, 10—Telef. 2300

Redacção e Administração: — Rua das Musas, 45 — PORTO - (Portugal).

## O Valor do Cinema

### Considerações - O Cinema como escola dum povo - Maldita a Guerra

O assunto tem sido já ventilado em muitas revistas e jornais, mas os articulistas depressa desanimaram tomados, talvez, pelo desleixo, pelo enfatiamento, ou esquecidos de que a persistência é um dos factores que mais contribui para o êxito duma ideia.

Apenas de quando em quando, uma breve local se reporta ao assunto, mas tão ligeiramente que a sua importância fica banida da nossa atenção.

O problema não tem nada de transcendente nem precisa que se recorra a muitos argumentos para se ver com clareza o valor de que se reveste.

Os cinéfilos formam, hoje em dia, em todos os povos, uma legião vasta constituída na sua maior parte por gente moça, que não tem ainda o cérebro amadurecido por ideias fixas, em que os conhecimentos são embrionários e em que a cultura pôde ser administrada despercebidamente, numa função salutar. O resultado será tanto mais proficuo quanto mais inedita e bela fôr a maneira como as matérias forem reveladas. Não é com desprestígio que categorizamos assim os amadores de cinema

Não é desacertado dizer-se, também, que o Cinema, adentro da sua arte e dos seus inumeráveis recursos, absolutamente reconhecidos, pôde ser a melhor escola dum povo. Não sai do meu cérebro esta observação. Em quasi todos os países, nomeadamente a Inglaterra, a França e a Itália, o problema está sendo tratado e observado com grande critério pelos dirigentes da Instrução. Em Portugal, segundo nos parece, muito pouco se tem feito neste sentido—pelo menos não nos tem sido revelado—... e bem seria procurar-se fazer através do cinema aquilo que os livros, os jornais, as revistas, os discursos, etc não conseguem fazer. Em Portugal, todos sabem, pouco se lê. Ao nosso povo há muito que mostrar—não escrevo *dizer* porque,

como êle julga, «palavras leva-as o vento» e muitas palavras são «trêtas» e «cantigas».

O Cinema atrai a mocidade, os adultos, os rudes, os instruídos... o povo, enfim. As razões dessa atracção são variadas, embora todas elas não estejam ainda definidas. Mas isso não importa esmiuçar, pois o que interessa ver-se é que o povo vai para êle.

Abram-se edificios para instrução dos já «instruídos», franqueiem-lhe as portas e verificar-se-á que a frequência é nula. Sou pessimista até ao ponto de prever que se se abrirem cinemas-escolas, nos quais sejam exibidos apenas filmes científicos, o resultado será o mesmo.

Mas o filme pode ser científico e prestar-se ao aperfeiçoamento da mentalidade do observador, ignorando êste que o filme está demarcado para exercer essa função. Os filmes escolhidos para êste fim devem encerrar uma «forma» e uma estrutura bem urdida e simulada.

Tivemos como exemplo «A oeste nada de novo». As empresas anunciaram-no como um filme de guerra—e é-o de facto. Nem outra coisa se aprecia nêle senão a Guerra. Mas poucos calcularam a influência que êle exerceu no espírito da maior parte daquêles que o observaram.

Vimos a Guerra, através da *nudez forte da verdade*, com todos os seus horrores, misérias e morticínios. Aos nossos olhos perpassou, em cenas bem eloquentes, o desfilar dessa hecatombe formidável que foi a Grande Guerra

Até aqui falava-se nos rasgos heroicos dêstes ou daquêles soldados—em côres lindas a pincelar o estoicismo das raças.

Eram vitórias a iluminar a História... era «partidas» que escutavamos com orgulho. A Guerra, desfilava assim como uma aventura linda. Quando nos contavam certas cenas do

*Continúa na última página*



# FITAS FALADAS...

As minhas leitoras teem, como mandam as convenções das cinéfilas, uma paixãozinha pelo Maurice Chevalier ou pelo Henry Garat — galãs da actualidade.

De dia recortam as fotos do Henry, que veem publicadas na «Invicta»; escrevem ao Amok a pedir a direcção do Henry; escrevem ao Henry a pedir uma foto, e com as fotos do Henry forram as paredes do quarto.

E' o Henry por todos os lados.

A' noute sonham que fazem festinhas no beicinho do Maurice e êle, derretido, faz *brrr brrr brrr*.

Ora vocês já devem ter reparado que, em todos os cinemas, a seguir à projecção do documentário português, aparece na tela uma grande legenda que diz: «Preferi Produtos Portugueses».

E porque não se apaixonam vocês, pelo Alves Costa ou pelo Fernando?

E' certo que não aparecem nos écrans. No entanto o Alves Costa «é uma simpatia de rapaz» e «o que ha de melhor no Porto é o Alves Costa e o Sud para Lisboa», segundo opinião de duas estrêlas também portuguesas. E o Fernando? Basta dizer-vos que usa um bigodinho cinéfilo que atrai todas as cinéfilas lisboetas até aquelas que me inspiravam... as «Fitas Faladas...»

\* \* \*

Anibal Contreiras, que perm nentemente procura exercer a sua actividade cinematográfica, deu a volta a Portugal filmando aspectos e costumes regionais para a composição dum grande documentário português.

O Ministério do Comércio e das Comunicações pôs à disposição deste realizador um precioso exemplar de automóvel, tão fotogénico, tão elegante, tão magnifico, que por onde passava logo se ouvia exclamar:

—Lá vai o auto-lata...

Mas, enfim, a filmagem fez-se.

Ha dias alguém falava com Contreiras:

—E então, da viagem; que tal?

—Assim, assim.

—E deste muito á manivela?

E o Contreiras, respirando fundo, respondeu:

—O' menino não me fales nisso! Basta dizer-te que o automóvel empanava de cem em cem metros e não tinha *mise-en-marche*.

\* \* \*

O Alves Costa, que veio de passeio até Lisboa, mostrou logo à chegada grandes desejos de ir ao Jardim Zoológico.

O Fernando fez-lhe a

vontade e fomos para o Jardim. Chegados lá o Alves Costa procurava com ansiedade todas as jaulas.

Em dada altura perguntou ao Fernando onde ficavam as jaulas das panteras.

Queria vêr a pantera Zita, mas não a encontrou. E ficou desgostoso por isso.

Mas não cheguei a compreender se a Zita era de *verdad* pantera ou cinéfila...

O Fernando queria ser o *cicerone* do Alves Costa, mas as cinéfilas não o deixavam.

A Heloisa Clara ia fazendo dele um maluco com a tal história duns *quadrinhos*.

Até as minhas leitoras, se o vissem, ficavam *derretidinhas* com o bigodinho dele e com os olhos que a Heloisa imita muito bem.

Douglas Fay... Bankos

## Cinema Português

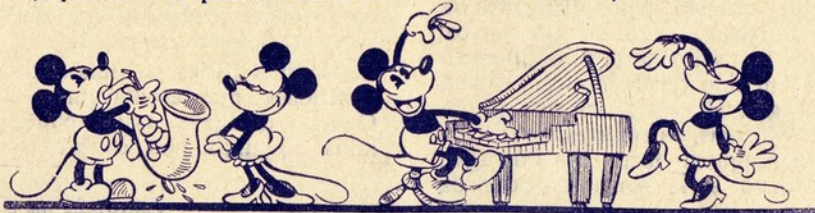
Da Sociedade Continental de Comércio, L.da, recebemos a seguinte carta:

«Ex.mo Senhor—Tendo-nos decidido a produzir fonofilmes portugueses afim de favorecer e fomentar a nossa indústria cinematográfica correspondendo assim ao desejo de quantos se interessam e apoiam todas as iniciativas pró desenvolvimento do cinema nacional, não só a Imprensa como ainda o público, somos a dizer a V. que acabamos de criar uma secção produtora, devidamente organizada, a qual vai organizar dentro em pouco tempo a realização dum fonofilmado dirigido, interpretado e editado por portugueses.

A primeira produção da Continental Filmes é um fonofilmado inspirado na opereta «O João Ratão», o qual será realizado pelo jornalista sr. Antonio Fagim. A partitura, onde se desenvolvem numerosos temas do folclor português, foi confiada ao maestro sr. Frederico de Freitas, cuja competencia e virtuosismo é desnecessário enaltecer. O chefe dos operadores é o sr. Manuel Luiz Vieira e os assistentes os srs. Herculano Levy, Augusto Soares e Mota da Costa.

A nossa firma produtora, que usa a razão social de «Sociedade Continental de Comércio, Limitada», criou para esse fim, conforme se diz acima, uma secção cinematográfica a «Continental Filmes», etc.».

A filmagem desta nova produção portuguesa começará dentro de algumas semanas.







RAMON NOVARRO, interprete de «In Gay Madrid» filme que será exibido esta época.

Da



Vida



Cinegráfica



MARY BRIAN, uma das mais insinuantes artistas do cinema americano.

### Desenvolvimento cinematográfico

Há dias um jornal alemão inseria a estatística que publicamos, com a nota de que servia tal publicação para se calcular o efeito da «civilização espanhola». Como só nos interessa a estatística, o resto vai sem comentários porque não vale a pena gastar cêra com maus defuntos.

	População	N.º de cinemas
Argentina . . . . .	11.000.000 . . . . .	2.158
Bolivia . . . . .	3.000.000 . . . . .	30
Brazil . . . . .	40.000.000 . . . . .	2.000
Columbia . . . . .	8.000.000 . . . . .	406
Costa-Rica . . . . .	500.000 . . . . .	25
Cuba . . . . .	3.700.000 . . . . .	700
Chile . . . . .	4.500.000 . . . . .	360
Equador. . . . .	1.500.000 . . . . .	14
S. Salvador. . . . .	1.600.000 . . . . .	50
Espanha e colonias. . . . .	25.000.000 . . . . .	3.000
Guatemala . . . . .	2.100.000 . . . . .	45
Honduras . . . . .	200.000 . . . . .	25
Honduras britânica. . . . .	50.000 . . . . .	5
Ilhas da Trindade . . . . .	400.000 . . . . .	10
Ilhas Filipinas . . . . .	12.600.000 . . . . .	500
Mexico . . . . .	16.500.000 . . . . .	800
Nicaragua . . . . .	800.000 . . . . .	30
Panama . . . . .	500.000 . . . . .	80
Paraguay . . . . .	1.000.000 . . . . .	35
Peru . . . . .	6.000.000 . . . . .	250
Portugal e colonias . . . . .	8.000.000 . . . . .	900
Porto Rico . . . . .	1.600.000 . . . . .	180
S. Domingos . . . . .	600.000 . . . . .	15
Uruguay . . . . .	2.000.000 . . . . .	350
Venezuela . . . . .	3.050.000 . . . . .	150
Panama Lone . . . . .	40.000 . . . . .	5
	<u>154.240.000</u>	<u>12.123</u>

Ou seja o resultado desta «civilização espanhola» 1 casa de espectáculos cinematográficos por 12.814 habitantes.

### Um salto fatal

Sabe-se presentemente a verdade acêrca do acidente que custou a vida à infeliz Janie Marèse, na estrada de S. Máximo a Frégies.

Quem conduzia o carro era o galã Flamant; quis ultrapassar um auto-car de dimensões imponentes, como se vêem frequentemente na Côte d'Azur. Acelerou e quando se encontrava entre o pesado veiculo e a valêta, viu um carro vindo ao seu encontro. Janie Marèse, teve razão em saltar, mas êste salto custou-lhe a vida. Os outros passageiros ficaram mais ou menos feridos, mas nenhum sucumbiu. Estranhas coincidências: O público estremecerá certamente quando vir «Mam'zelle Nitouche» e ouvir dizer Raisin ao mecânico do carro que leva Janie Marèse:

—Cuidado, um acidente chega depressa.

Por outro lado já em «A Cadela» em que trabalhou Janie Marèse, Flamant simulava matá-la.

Estranhas e trágicas coincidencias.

### Albert Prejèan, infeliz

Chegado há dias da Suissa, Alberto Prejèan conta uma aventura. O simpático artista tinha voltado muito fatigado da tournée, em que tinha aparecido em carne e osso, em diversas cênas para cantar as famosas cançonetas de «Sob os telhados de Paris» e «Uma noite de rusga». Decidia a repousar, mas apenas pousou a cabeça no travesseiro, um som bem conhecido feriu-lhe o ouvido.—Estarei a sonhar? pensou êle ouvindo os couplets de «Uma noite de rusga».

Prejèan quíz dormir, mas era-lhe impossível.

De repente, como um raio, teve a explicação do mistério; há no rez-do-chão da sua casa um cinema e passava-se «Uma noite de rusga».

— E' um azar, murmurou Prejèan, eis que eu me impeço agora de dormir...



# Noticiário

Dentro de alguns dias, é estreiado em Lisboa, no S. Luiz, o maravilhoso filme de Fritz Lang, «Matou».

=Dorothy Sebastian, artista americana que durante longo tempo trabalhou na «Metro», foi contratada pela «Columbia» para desempenhar o primeiro papel de «Unwanted», sob a direcção de Louis King.

=O fonofilm «Uma Noite no Front» que ontem se estreou com sucesso nos cinemas Palacio e Royal, de Lisboa, é apresentado dentro em breve no cine Aguiã d'Ouro.

=Adolph Menjou, o *petrônio da Têla*, trabalha presentemente no filme «Forbidden»; Bárbara Stawdyck, é a protagonista.

= Paisagem», o filme que Jorge Brun do Canto está realizando, tem como intérpretes: Emília Vilas, Heloisa Clara, Maria Manuela Sena, Tomaz de Sousa, Ferreira de Mesquita, Francisco Ricardo, Berta Rosa Limpo e Nuno de Araujo. A acção desta nova produção nacional decorre em S. Pedro do Sul e Lisboa. Colabora também nesta película a gloriosa Marinha de Guerra Portuguesa.

No próximo numero, publicamos já algumas imagens dêste filme.

=George Bancroft, um dos mais famosos artistas do écran, terminou recentemente o filme «Loucura do Rico».

Juliette Compton, desempenha o primeiro papel feminino.

=O Cinema Olympia, do Porto, apoz a exibição de dois programas de estreia que tem marcados, começará a fazer a reposição das melhores produções exibidas últimamente. A plateia dêste cinema será dividida em três sectores cujos preços serão de Esc. 3.00, 4.00 e 5.00.

=Annabela, a encantadora intérprete do filme «Em redor de um inquerito», trabalha nesta ocasião em «Deux dans une voiture», sob a direcção de Joë May, nos studios da Pathé Natan.

=Jacques de Baroncelli, começou, nos studios de Bilancourt, a filmagem de uma nova produção. Daniele Parola, a bela artista do cinema francês, interpretará o primeiro papel.

=Antonin Bideau, terminou, nos studios Gaumont, um filme de assunto humorístico o qual se intitula «Figuração», cuja acção decorre num estudio de cinema.

=Corre o boato de que Greta Garbo logo que termine «Mata-Hari» abandonará o cinema, regressando à sua terra natal.

=Dolores del Rio, afastada há tempos do cinema, volta novamente à actividade dos studios. O seu primeiro filme intitula-se «The Dove», que Herbert Brenon dirigirá. Nesta produção, Dolores del Rio, cantará a canção «Querida» da autoria do realizador e compositor Victor Schertzinger.

=Howard Hawks, terminou o filme «Scar face». O cenário dêste filme é baseado na vida do célebre *gangster* americano Al Capone.

=Clara Bow, acaba de ser contratada por Sam Rock, para trabalhar no filme «Get the Woman» (Caça à Mulher).



ELEANOR BOARDMAN, vedeta americana que esta época nos aparece em filmes da «Metro» e «Paramount»





Três graças de Hollywood

Dorothy Jordan  
Catherine Moylan e  
Dorothy Mc Nulty



Num prédio de aparência duvidosa, nos arredores da gare, habitam duas mulheres de costumes fáceis, Mella e Erna, as quais morando porta com porta, sabem tudo quanto se passa no quarto vizinho.

Certa tarde— como aliás, em muitas outras anteriores — um burguês vai passar algumas horas agradáveis em companhia de Mella, de quem é íntimo conhecido. A entrevista breve fica interrompida pelo barulho duma altercação violenta, que parte do quarto de Erna. Esta recrimina vivamente o amigo por a querêr abandonar. Efectivamente Paul Bernt, cansado de uma ligação aviltante, está resolvido a rompêr com a amante e nessa disposição se retira, apesar dos protestos e das ameaças de Erna.

Pouco depois, Paul procura o seu companheiro de infância, Walter Bienert, filho do juiz de intrução, a quem confia o que tanto perturba a sua vida, pela dificuldade de vêr-se livre de

# Agencia Cinematográfica H. da Costa

APRESENTA  
na proxima 2.<sup>a</sup> feira no  
**AGUIA D'OURO**

## O super fonofilme EM REDOR DUM INQUÉRITO

### DISTRIBUIÇÃO

Dr. Bienert, magistrado . . . . .	Jean Périer
Greta, sua filha . . . . .	Annabella
Mella Zier . . . . .	Colette Darfeuil
Erna Kabisch . . . . .	Florelle
Klatte . . . . .	Robert Ancelin
Zuhlke, porteira . . . . .	Bill-Bockett
Brann . . . . .	Pierre Franck
Walter Bienert . . . . .	Jacques Maury
Baumann . . . . .	Gaston Modot
Scheer . . . . .	Paul Olivier
Paul Bernt . . . . .	Richard-Willm

Cenário de Robert Liebmann  
Realização de Robert Siodmak  
Produção d'Erich Pommer para UFA

### ARGUMENTO

imensamente admirado quando de manhã os agentes da policia vão prendê-lo: é acusado do assassinato de Erna que Mella, voltando de manhã cêdo encontrára morta. Tôdas as suspeitas recaem sôbre o desgraçado Bernt e é o juiz de instrução Bienert quem está encarregado do inquérito. São interrogadas numerosas testemunhas co-locatarias da vítima e a rêde aperta-se em volta de Paul, que se recusa desesperadamente a dizer a quem entregou as chaves do quarto de Erna.

As investigações sucedem-se noite e dia para forçar o acusado a confessar o seu crime, mas Paul encerra-se num mutismo feroz. Pouco a pouco as reticências de Bernt juntando-se a outras indicações materiais obrigam o juiz de instrução a suspeitar do seu proprio filho não ignorando as relações de amisade com Bernt.

Desde então este íntegro magistrado colocado no mais cruel dos dilêmas luta entre o seu amôr paternal e alta consciência dos devêres do seu cargo. Pretende aniquilar tôdas as provas que julga esmagadôras para Paul, forçado como está a meter em causa o seu proprio filho. E o pobre homem afoga-se e torturas inuizíveis quando lhe comunicam, que Walter foi preso no momento em que entrava no local do crime.

O juiz louco de dôr, ainda tenta negar a evidência dos factos. Não pôde, não quer acreditar na culpabilidade do filho. De nôvo intima as testemunhas e é finalmente entre essas mesmas que a justiça encontra o assassino, provando-se com grande contentamento de todos a inocência de Walter e do seu amigo.

Erna. Walter interessa-se particularmente pela solução daquêle caso. Paul é noivo de Greta a irmã mais nova daquelle e deseja do coração que as coisas se arrumem a contento do seu futuro cunhado. Assim. logo se oferece para o fazer junto de Erna, numa «demarche» definitiva.

Bernt entrega-lhe as chaves do quarto da rapariga, combinam uma entrevista para a meia noite do mesmo dia... Mas o tempo decorre sem que Walter apareça e Paul, possuído de uma grande inquietação, regressa a casa às duas horas da madrugada. Fica







## A propósito do filme

# Em redor dum inquérito

Quem venha analisando a marcha evolutiva do cinema, através do seu progressivo caminhar, quem tiver notado não só as evoluções técnicas, mas ainda as modalidades de cenário que têm acompanhado o evolucionar técnico, notará que, após o aparecimento dos filmes de cavalgadas fantásticas com tiros e com cow-boys arrojados e simultaneamente espécie de traga balas, se seguiu o filme policial, depois o drama, a comédia e o vaudeville. O aparecimento do sonoro, não fez regressar o cinema ao tempo das «westerns» de tiros e cavalgadas; mas eivado de todos os conhecimentos técnicos, o cinema sonoro encontrou dentro do cenário policial e aventureiro, um dos seus elementos de sucesso; moldou-se às exigências de novas técnicas e passou a produzir belíssimos filmes.

Seria superfluo, enunciar todos ou quasi todos os filmes de aventuras e policiais, que temos visto desde o principio do sonoro; contudo, entre muitos que se produziram, um houve logo que pela sua feitura técnica, pelo nome do realizador, pelos interpretes, ficou logo apontado como um filme destinado a ter um largo sucesso. Foi a realização de Erich Pommer para UFA, intitulada «Em redor dum inquérito».

Havia muito tempo, que a critica tinha os olhos postos neste filme; a sua estreia em Paris constituia um sucesso que levava Jean Prévost no «Pour vous» ao fazer a critica a escrever:

«Antour d'ure enquête, é um filme agradável, muito rico, ao qual nada falta.»

Não se trata duma produção banal girando á volta dum cenário estafado; é tambem um estudo psicológico, notado criteriosamente pelo olho invencível da objectiva, guiado pela mão consciente e sabida de Erich Pommer; é uma tragédia baseada algo numa vida crapulosa, que arasta no seu turbilhão até ás grades da prisão, um rapaz acusado inocentemente dum crime que não praticou. Com toda a sabidura da técnica alemã, para dar maior emotividade ao cenário, para surpreender ainda mais o espectador, será um pai que terá de julgar o filho pelo crime praticado. E depois, a acção de sempre, a inocência demonstrada, a alegria da volta á liberdade....

A cinematografia alemã tendo recorrido ao cenário policial procurou e conseguiu fugir aos moldes acabrunhantes das realizações ôcas e sem bases.

O público, tendo-se saturado da comédia e do vaudeville filmado, tendo achado ridícula certa comédia, desejou algo de novidade, que o levasse duma apatia sem razão de existir, que ia destruindo insensivelmente o seu gosto pela sétima arte. Sómente a regressão ao filme policial pôde ter esse condão; não já o filme estúpido sem base, sem estudo, sem nada de recomendá-

(Conclui na última página).



## filmes da quinzena

**O Trio fantástico (The Unholy Three)** — Em agosto do ano passado a *Photoplay* classificava este filme como uma das melhores realizações do mês... mas como os americanos tem muito mau gosto, não nos admiramos que *O Trio Fantástico*... deixasse muito a desejar. — Realização de Jack Conway sem nada de notavel. — Boa interpretação de Lon Chaney, a grande atracção do filme pelo facto de nos revelar a sua voz profunda e vibrante e os seus dotes de ventríloco. — Demasiado palavreado, tornando o filme bastante fastidioso. Em resumo: uma obra que tem mais valor histórico que valor artístico. Estreado no Agua d'Ouro em 19 de Outubro.

**O inimigo silencioso (The Silent Enemy)** — Um interessante documentário romanceado, dirigido por Burden Chaler. Bonitos exteriores. Interessantes lutas de animais e uma passagem de renas, verdadeiramente formidável. Estreado no Olimpia em 19 de Outubro.

**Espionagem (Im Geheimdienst)** — Um filme muito homogénio, realizado por Gustav Ucicky. Cenário banal mas bem delineado, interessando o espectador. Magnífica fotografia. Excelente interpretação de Willy Fritsch, Theodor Loos e Brigitte Helm que nos revela a sua linda voz. Estreado no Trindade em 20 de Outubro.

**Cruzeiro de Amor (Calais-Douvres)** — Uma comédia musical cheia de juventude e de vida, muito bem realizada por Anatol Litvak. Bons dialogos, bonitas canções, excelente fotografia e magnífica gravação de sons. Lilian Harvey é a grande atracção do filme. Graciosa e linda... como sempre. Armand Bernard numa boa interpretação. — Um filme de agrado seguro. Estreado no Agua d'Ouro em 26 de Outubro.

**A Loucura de Monte-Carlo (Le Capitaine Gradock)** Outro filme de êxito assegurado. Hans

Schwarz parece, como bem disse Jean Pascal, «ter procurado fazer uma espécie de novo *Caminho do Paraíso*, que é ainda o tipo perfeito da opereta filmada». Não foi porém tão feliz com W. Thiele. Todavia, dentro do genero opereta filmada, *Loucura de Monte Carlo*, agrada e dispõe bem.

Tem passagens magnificas, como o pânico em Monte Carlo, tem canções bonitas, tem bons interpretes e situações cómicas felizes. E' pena que o argumento seja um pouco destrambelhado. Kate von Nagy ornamenta o filme com a sua graciosidade. Deve ter conquistado um regimento de admiradores. Jean Murat, Charles Redgie e Lionel formam um bom trio. O público ficou bem humorado. Eu tambem — Estreado no Trindade em 27 de Outubro.

*Nota:* Por absoluta falta de espaço não pude, no último número, fazer largas referencias a este filme, tendo-me visto, hoje, obrigado, por essa razão, a limitar-me às apreciações sintéticas que leram.

**A Canção do Bandido (The Rough Song)** — Uma opereta cinematográfica realizada por Lionel Barrymore e que tem um único atractivo: a voz maravilhosa de Lawrence Tibbitt. — Música agradável. Laurel e Hardy dão a nota cómica. Um filme que se vê sem aborrecimento mas tambem sem entusiasmo. Estreado no Olimpia em 26 de Outubro.

A. C.

---

“Invicta Cine” é a revista cinematográfica  
de maior expansão no Norte do País.

---



☐

Uma imagem do  
filme «O Cru-  
zeiro de Amor»  
uma das melho-  
res produções da  
última quinzena.

☐



# ANNABELLA

Graciosa e esbelta, sorridente, o seu rosto mignone sempre revelando bom humor, Annabella, estreante de hoje, vai pouco a pouco tallhando a sua carreira para artista de amanhã.

Amando o cinema desde pequena, procurando conhecê-lo por intuição artística, pensando em vê-se amanhã projectada sôbre o écran, foi assim subindo par e passo a montanha de contrariedades que se opõem sempre à entrada de quem quer que seja no dominio dos privilegiados do écran. Já no liceu admirava Mae Murray e Norma Talmadge, das quais trazia um medalhão; consultava as secções de respostas das revistas e fazia colecção de fotografias de artistas. Para ir aos espectáculos, quando não abundavam os francos, subtraía ao mealheiro materno, uns, ou então vendia os livros do liceu a usurários alfarabistas, e, os cadernos de apontamentos que deviam durante as aulas encher-se de notas sôbre a ciência, não eram mais do que exhibições de cenários, que escrevia para si própria. Um dia a direcção do liceu soube da venda dos livros e o caderno de apontamentos foi lido de sobrecerebro franzido pela directora do liceu-internato; então comunicaram o caso aos pais... e a pobre sonhadora foi mandada para casa exercer a sua actividade, onde a esperava, como a espada de Damócles, a justiça paterna, que doía bastamente.

Mas nem tudo haviam de ser contrariedades; «A Roda» de Abel Gance tinha-a impressionado vivamente. Um dia encontrando o realizador, disse-lhe a admiração que tinha pelo seu trabalho e mais tarde êste deu-lhe um pequeno papel em «Napoleão» onde desempenhou o papel de Violíne; Grémillon notando-a deu-lhe também um pequeno papel em «Maldone»; apareceu ainda em «Três raparigas nús» e o sonoro parecia tê-la lançado num esquecimento absoluto. E' Henry Roussel que, encontrando-a em Berlim, lhe confia um pequeno papel em «Barcarola de



Amôr». Depois veio seguidamente «A casa da sêta», «Romance do desconhecido», 40 anos». René Clair abre-lhe então as portas da celebridade confiando-lhe um papel de destaque no filme «O milhão». Mais tarde, contratam-na para ir a Berlim filmar para a produção «Em redô dum inquérito» e «Uma tarde de rusga» filmes que brevemente vamos vêr. Assim tem sido a carreira desta artista, que tem o caminho marcado para ser dentro em breve uma grande e talentosa vedêta.

Foram eleitos para os corpos gerentes da Academia Americana das Artes e Ciências Cinematográficas, os seguintes cidadãos: Presidente—M. C. Levee; Vice-presidente—Conrad Nagel; Secretário—Fred Niblo; Tesoureiro—Frank Lloyd; Comité directorial—Frank Capra, Conrad Nagel, M. C. Levee, Max Ree e Benjamim Glazer.

**BONUS** oferecido aos leitores da Invicta Cine pela Ex.<sup>ma</sup> Empresa do Cinema Olympia nas matinhês dos dias **12 ou 14 de Novembro de 1931.**

50 % de desconto em todos os lugares



**A. R.** — Tomar — A Direcção pede-me que lhe agradeça o renascimento da sua assinatura anual e o novo assinante que arranhou.

**Mar-e-Alva** — Porto — De acordo com a sua opinião sobre *Espionagem* Brigitte Helm teve, realmente melhores trabalhos em filmes mudos, mas isso não desvaloriza de maneira alguma *Espionagem*, nem a artista. . . nem o fonocinema. De mais a mais qualquer dos interpretes não deve ser mais do que um *elemento* nas mãos do realizador como o pode ser por exemplo a natureza. Um filme deve ser visto e deve valer por si próprio e não pela exibição dum determinado artista. . . que muitas vezes não é mais do que a criação do realizador. E para se julgar um filme não se deve olhar só à interpretação. E' preciso, tambem, ter em atenção o valor do cenário, quer pela ideia quer pela sua construção, e a mise-en-scène (realização, fotografia, decoração etc.). Não sou grande partidario do vedetismo mas admito-o dentro de detesminadas normas. Mas, por regra, o sistema da vedeta é artisticamente prejudicial.

?—Porto—Muito obrigado pelos dois novos assinantes que nos arranhou. Diga-nos a sua direcção para lhe mandarmos o prometido brinde.

**O Perna de pau** — S. Tirso—O melhor é fazer essa reclamação ao director do cinema da sua terra. Nós com isso não temos nada. *Invicta-Cine* tem saído com regularidade, todos os sábados.

**Su-Ki-Wit-Won-Wang** Porto—Já me ia esquecendo de si. . . Os artistas do número 5 são: Maria Walcamp, Bessie Love, Mac Marsh, Palmira Bastos, Jack Holt, Gloria Swanson, Corina Porter e Eddie Polo, Brunild Judice e Antonio Pinheiro, José Soveral, Geraldina Farrar, Richard Barthelmess e Nita Naldi, S. Hayakawa. Os interpretes de *A Rosa do Adro* são: Etelevina Serra, Maria de Oliveira, Erico Braga, Duarte Silva e Carlos Santos.  
Está satisfeito?

**Perguntador** Lisboa—A sua pergunta será pouco cinegráfrica mas não é tão disparatada como Você julgou que eu ia pensar. Nós andamos sem chapéu apenas por uma razão de ordem prática e higienica, e não com um fim meio oculto. Realmente podia haver um subentendido. Na Grecia os escravos andavam de cabeça descoberta. Só os libertos usavam barrete, o barrete frigio, que era o distintivo da liberdade. Andar de cabeça nua era sinal de escravidão. Abolindo o chapéu poderá parecer que o fazemos para patentear falta de liberdade, opressão; todavia, conquanto tivesse razões para o fazer com esse sentido. . . , ando muitas vezes sem chapéu apenas por comodidade e higiene.

**O Sátiro do S. Luiz**—Lisboa—Cautela cinéfilas! E' por sua causa e por causa doutros libidinosos como Você que o «Socrates» não quer que o Rivoli tenha arrumadeiras. . . *O homem que despreza a Morte* era interpretado por Paul Richter e Erna Morena.

**Amo «Um Academico»** —Porto Obrigadissimo pelo seu postal. A sua recomendação não veio a tempo. Já mandei para a sua casa a carta de «Um Academico». E' verdade: quando arranja um novo pseudonimo mais bonito, mais mimoso, mais fonogénico? Dê-me sempre notícias suas.

**Guidita**—Porto—Foi pena que não tivesse podido ir ao bailarico pois que, certamente, perdeu uma excelente ocasião para se divertir e afastar essa melancolia. Chegou a ver *Cruzeiro do Amor ou Loucura de Monte Carlo*? Ai tinha dois filmes magnificos para curar más disposições morais. . .

**Sam. . . Paio**—Lisboa—Não senhor, não é verdade. Vocês, tambem, fiam-se logo em todas as patranhas que vos contam. . . e ficam todos contentes.

*A Loucura do Monte Carlo* é um filme interessante e que se vê com nitido agrado. E' uma historia assim à *Caminho do Paraíso* ou *Cruzeiro de Amor*. Repare na cena do pânico em Monte-Carlo. Vê-se logo que ali andou dedo de Erich Pommer. Então não gostou de *Aigton*? Era natural. Eu ainda não vi o filme. Dir-lhe-ei depois as minhas impressões, quando Você voltar a escrever-me.



**Um que nunca esquece**—Tomar — Gosto disso. . . mas não lhe serve de nada. Segundo recentes informações soube que a Rosa Maria foi para o Alentejo onde naturalmente pensa em tudo menos no cinema e nos seus admiradores. Sobre o futuro filme *João Ratão* não estou

autorizado a dar os esclarecimentos que pede. Tambem isso pouco lhe deve interessar.

**Cinefilonudista**—Porto—A propósito daquela discussão sobre arte, que tivemos ultimamente—e que nasceu de Você ter dito que uma obra de arte devia ser a reprodução fiel da vida e eu ter discordado dessa opinião em absoluto—aponto-lhe uma opinião autorizada que está a meu favor: leia o que Upton Sinclair escreve num dos ultimos números do *Monde*: «Começo a explicar desde já o que entendo por arte: não somente pintura, escultura e decoração, mas todos os meios que o homem emprega para representar a vida *pela imaginação*. A ideia vulgar que fazem da arte é que ela procura reproduzir exactamente a vida—tal como uma natureza morta que não se pode distinguir do seu modelo. Mas, eis uma arte bem baixa. Eu odeio esses teoricos que nos declaram que o fim da arte é de reproduzir a realidade».

Se Você quiser pode voltar ao assunto. E' verdade divertiu-se na Capital?

**Gerico**—Porto—O seu pseudonimo pode dar lugar a confusões pouco agradáveis para si, apesar do nome daquele animal com o qual Você se pode confundir (salvo seja!) se grafar com j. . .

A sua letra não me é de todo desconhecida. . . não será Você a propria pessoa a quem se refere pouco elogiosamente, na sua carta?

A tomada de sons nas primeiras partes de *Salto Mortal* é bastante deficiente: Ruidos pouco naturais, vozes empasteladas, etc. Mas ha peor, muito peor, mesmo muito peor.

Sobre a Greta Garbo devo dizer ao meu amigo que não é costume meu meter-me nas vidas alheias. . .

Cumprimentos transmitidos. Mande sempre,

**Anny, Anny. . . meu amor!**—Porto—Aconselho-lhe banhos de agua gelada ao levantar e ao deitar. . . A «sua» Anny Ondra está trabalhando com Petrovitch, em Joinville, no novo filme de Carl Lamac: *La Chauve Souris*. Vai vê-la brevemente em *Mam'zelle Nitouche*, uma operetazinha simpática mas pouco cinematográfica. . .

**Amaro** Santarem—A direcção da Ufa é: Kockstrasse, 6, 8, Berlim, Alemanha.

**Key Rubinstein**—Porto—John Boles receberá com extraordinário prazer a sua carta e os seus 25 centimos nos Universal Studios, Universal City, California, U. S. A.

Sempre às suas amaveis ordens.

Amok

## FOTOGRAFIA GUEDES

Primeiros premios em todas as exposições a que tem

: : concorrido : :

346-Rua de Santa Catarina-350





# AGUIA D'OURO

Apresenta na próxima 2.<sup>a</sup> feira

O super-filme falado em francês,  
produção  
ERICH POMMER, DA U. F. A.

## EM REDOR DUM INQUERITO



Um drama de mistério realizado  
por mão de mestre


c o m :

A N N A B E L L A  
C O L L E T E D A R F E U I L  
J E A N P E R I E R  
G A S T O N M O D O T  
J A C Q U E S M A U R Y  
P A U L O L I V I E R  
e B I L L - B O C K E T T .

**PROGRAMA**

— DA —

Agencia Cinematográfica  
H. DA COSTA, L.<sup>da</sup>





(Conclusão)

«front» nós sorriamos; nas veias fervilhava-nos o sangue... e tínhamos pena que lá não estivessemos também a mostrar a nossa valentia.

Mas quando o cinema nos começou a mostrar um pouco de verdade, a guerra deixou de nos entusiasmar. A lenda ia-se desfazendo.

Vieram como pioneiros da realidade «Verdun» e depois «A outra verdade». Mas ambos traziam uma máscara—a máscara que escondia a tragédia e sorria ao patriotismo.

«Verdun» era toda uma epopeia da valentia dos franceses. «A outra verdade» mostrava entre os episódios do sacrifício e da miséria do povo germanico uma acendeada abnegação—sacrifício e miséria a redimir-se num esforço altruista e sumamente patriótico. Mas o efeito evidenciou-se com o «4 de Infantaria», completando-se com o «A oeste nada de novo».

Recordo nesta ocasião os momentos afoqueantes que passei quando assisti ao desenrolar deste filme. A respiração oprimia-se e o nosso espírito viveu pedaços de inquietação e nervosismo. Deparei que havia olhos marejados de lágrimas!...

Oh! a Guerra era bem um horror... e não era, não, aquilo que julgávamos...

... E se no final de cada um destes filmes nos mostrassem a casa de Briand e uma legenda, embora curta—*Odiemos a guerra*—nós compreenderíamos bem o sonho desse homem que pede a todos os países que se faça um convenio para a paz universal, que hoje se debate na Sociedade das Nações, a que temos olhado com indiferença, como se isso fosse uma utopia, um mero passatempo das individualidades representantes dos Estados,

Aqui abominamos a guerra; ali abominamos o analfabetismo, o alcoolismo, os principios retrogradados... todo esse cortejo de flagélos que debilitam e arruinam as raças, que consomem e pervertem as consciências, que pecaminam e enfraquecem a humanidade...

Mais além aprenderíamos os principios salutarés das ideias renovadoras, os costumes, os ritos, o vigor dos povos e das raças... tudo isso que cria e aperfeiçoa a mentalidade...

Tudo isso dependeria da maneira como nos fosse revelado...

Podíamos alvitar aqui diversas sugestões a proposito. Não pretendemos, porem, armar-nos em dirigentes de «comités» ou «conselhos», mas focar apenas o inicio duma orientação, com largas e inteligentes atuações, benéficas para o povo e para a instrução nacional... e mostrar que o cinema não deve ser encarado, tão sómente, como revelador de «historias, de caras e pernas bonitas e que a literatura que polvilha as revistas da especialidade podia ter uma função doutrinária e didática, á mistura com certa prosa de cordelinho.

Tomaz d'Alencar.

(Conclusão)

vel; mas a realização consciente, donde fôsse possível extrair por um estudo quasi psicológico, um evolucionar dum criminoso; hoje um filme policial já não é uma espécie de jogo do gato atrás do rato. E' sempre uma obra perfeita, rica de técnica e de saber.

Como já vimos em «O Anjo azul», contrariamente ao espirito do filme americano, que quando desce aos *basfonds* limita-se apenas a dar uma discrição filmada do que está dentro do alcance da objectiva, o alemão aprofunda o assunto, trata de estudá-lo, faz como o realista Zola, em «pochades» sucessivas, dá-nos o grotesco e o risível da realidade, mostra-nos a estupidez dum viver irregular, servindo-se ora dum rir acanalhado, ora duma atitude dúbia duma creatura debochada, e finalmente, tirando num quadro único e singélo um largo efeito e uma larga psicologia do cenário. Tal succedeu na morte do professor Rat, na sala de aula do liceu onde lecionára quando levava uma vida excessivamente regrada; é um balde de água fria no espectador que tem logo ocasião de analisar como fazendo um estudo, a personalidade principal do filme. O cinema como arte, vivendo subsidiariamente de muitas outras artes, certamente, que teria adquirido muitos dos moldes dessas artes parciais. Uma das que mais grandemente tem influenciado o cinema tem sido a literatura; assim como a obra literaria realista ou naturalista põem a nú com o máximo de verdade a vida tal qual é, assim o cinema põem a realidade diante dos olhos das multidões, que nem sempre querem vêr, porque nem sempre lhes convem. Haja em vista o que sucede normalmente com as realizações de Pabst quasi sempre apodadas de imorais, sem argumento justificável, pois entendemos que o mostrar a vida tal qual é e sem nenhuma ficção artistica não deve constituir quebra de moralidade para a sociedade.

O filme «Em redor dum inquérito», baseado dentro da escola germanica é por isso, além dum filme de envergadura artistica, um trabalho psicológico apreciável, servido por um argumento que deu origem a um bem fundado cenário.

NOBODY.

---

## FOTOGRAFIA GUEDES

Primeiros premios em todas  
as exposições a que tem

: : concorrido : :

346-Rua de Santa Catarina-350



# OLYMPIA

apresenta na proxima 2.<sup>a</sup> feira o

Super-fonofilme produzido por  
Joe May para a "Ufa" e  
realizado por Gustav Ucicky

## VAGABUNDO IMORTAL

com os grandes artistas germanicos

LIANE HAID e GUSTAV FROHLICH

Um fonofilme sentimental, de estupenda  
realização e admirável fotografia.

Programa RAUL LOPES FREIRE

## JARDIM PASSOS MANUEL

### HOJE

Inauguração da Epoca de Inverno com  
cinema sonoro no Salão de Projeeção

Exibição da super-produção de grande classe

## O MILHÃO

fonofilme todo falado e cantado  
em francês.

Realização de RENE' CLAIR





M

# MATOU!

PRODUÇÃO  
NERO-FILM  
DISTRIBUIÇÃO

DA

A OBRA-PRIMA  
DE  
FRITZ LANG

AGENCIA CINEMATOGRAFICA  
H. DA COSTA, LDA